

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**O PAPEL DAS COGNIÇÕES SEXUAIS POSITIVAS E NEGATIVAS NO
FUNCIONAMENTO SEXUAL FEMININO**

Marisa Daniela Alves dos Santos

Junho, 2014

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor *Pedro Jorge da Silva Coelho Nobre* e co-orientada pela Professora Doutora *Ana Luísa de Matos Dias Quinta Gomes* (FPCEUP).

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**O PAPEL DAS COGNIÇÕES SEXUAIS POSITIVAS E NEGATIVAS NO
FUNCIONAMENTO SEXUAL FEMININO**

Marisa Daniela Alves dos Santos

Junho, 2014

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade
do Porto, orientada pelo Professor Doutor *Pedro Jorge da Silva
Coelho Nobre* e co-orientada pela Professora Doutora *Ana Luísa de
Matos Dias Quinta Gomes* (FPCEUP).

Marisa Daniela Alves dos Santos
Presidente: Doutora Maria Emília Costa
Arguente: Doutora Maria Gabriela Moita (ISSSocial
do Porto)
Orientador/a: Doutor Pedro Nobre
Classificação: 16 valores

Errata

Tese enviada em suporte papel ao Júri a 16 de Junho de 2014

O Papel das Cognições Sexuais Positivas e Negativas no Funcionamento Sexual Feminino

Marisa Daniela Alves dos Santos

Página V: **Retirar** Resumé.

Página 6, parágrafo 4: **Retirar** hipótese 4.

Página 14, primeiro paragrafo: **onde se lê** dor [$F(10,469) = 17.01, p < .001, R^2_{Aj} = -.25, \Delta R^2 = .03, p = .001$] e vaginismo [$F(10,469) = 19.84, p < .001, R^2_{Aj} = -.28, \Delta R^2 = .03, p = .001$] **deve ler-se** dor [$F(10,469) = 17.01, p < .001, R^2_{Aj} = .25, \Delta R^2 = .03, p = .001$] e vaginismo [$F(10,469) = 19.84, p < .001, R^2_{Aj} = .28, \Delta R^2 = .03, p = .001$]

Página 36, Tabela 8

Onde se lê:

Step e Variáveis Predictoras	B	SE B	β	t	R^2	ΔR^2
Step 1					.24***	
Desejabilidade Social	-.01	.08	-.00	-.11		
Idade (anos)	-.03	.01	-.14*	-2.49		
Habilitações Literárias	-.23	.09	-.11*	-2.51		
Solteiro vs. Casado	.24	.25	.05	.94		
Estar numa relação	-1.89	.19	-.42***	-9.78		
Ansiedade	.40	.19	.09*	2.10		
Depressão	.03	.24	.01	.13		
Step 2					.27***	.03**
Frequência Cognições Sexuais	.01	.00	.13	1.53		
Cognições Sexuais Positivas	-.01	.00	-.27**	-3.16		
Cognições Sexuais Negativas	.00	.00	.04	.96		

Deve ler-se:

Step e Variáveis Predictoras	B	SE B	β	t	R^2	ΔR^2
Step 1					.24***	
Desejabilidade Social	-.01	.08	-.00	-.11		
Idade (anos)	-.03	.01	-.14*	-2.49		
Habilitações Literárias	-.23	.09	-.11*	-2.51		
Solteiro vs. Casado	.24	.25	.05	.94		
Estar numa relação	-1.89	.19	-.42***	-9.78		
Ansiedade	.40	.19	.09*	2.10		
Depressão	.03	.24	.01	.13		
Step 2					.27***	.03**
Frequência Cognições Sexuais	.01	.00	.13	1.53		
Cognições Sexuais Positivas	-.01	.00	-.27**	-3.16		
Cognições Sexuais Negativas	.00	.00	.04	.96		

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Foram inúmeras as pessoas que ao longo de todo o meu percurso académico, nomeadamente durante a realização da dissertação, contribuíram para este projeto com apoio, colaboração e afeto. A todas elas agradeço sinceramente.

Ao Professor Doutor Pedro Nobre, pela sua dedicada e rigorosa supervisão, pela disponibilidade que sempre teve em me ouvir e em me ensinar, pela partilha de conhecimento e de momentos que me fizeram crescer, por todas as oportunidades que proporcionou as quais despertaram o meu fascínio pela sexualidade humana. Pela confiança que teve em mim e que me deu, sobretudo nas situações mais delicadas. Agradeço francamente o exemplo que é para mim, pelo profissionalismo, mas sobretudo pela entrega e dedicação a esta área científica.

À Professora Doutora Ana Gomes, pela cuidada e incessante supervisão, pela disponibilidade constante, pela adaptabilidade ao fuso horário bastante complicado para estar sempre presente. Pelos inúmeros estímulos, pela partilha de saber, pela motivação persistente, por ser ter sido um pilar na realização da dissertação e por me garantir ela iria avançar nos momentos mais delicados. A Doutora Ana tornou-se um exemplo de profissionalismo e de empenho que sempre demonstrou ao longo deste percurso.

A toda a equipa do SEXLAB, pela constante partilha e interesse, pelo apoio e motivação incansáveis, pelas oportunidades que me permitiram desenvolver competências como investigadora. Por todos os sorrisos e afectos que me tranquilizaram, mas sobretudo por me integrarem e fazerem parte da equipa.

A todas as participantes, sem elas esta investigação não seria possível e a todas as pessoas que me ajudaram na divulgação do estudo. Agradeço sinceramente por dedicarem parte do vosso tempo a esta dissertação.

Ao Professor Doutor Pedro Teixeira, pela disponibilidade, pela motivação, por acreditar em mim e me fazer acreditar nas minhas capacidades. Ao, Pedro Teixeira, amigo pelas reflexões, pela presença nas decisões importantes e pelos sábios conselhos.

A todos os professores da FPCEUP que me motivaram, que mostraram interesse neste projeto, que se tornaram em modelos que me fortalecem na construção da minha identidade profissional.

E a um nível mais pessoal...

À minha família, pelo amor e carinho, por toda a dedicação, pelo apoio constante, por acreditarem que posso ser sempre melhor e me transmitirem isso. Pela paciência, mas sobretudo pelos valores que transmitem todos os dias.

Ao João, pela paciência inesgotável, pelo apoio diário, pelas longas conversas sobre este trabalho e a sua revisão, pela serenidade e confiança que me transmite. Por ser um pilar essencial, simplesmente por significar tanto para mim.

Às pessoas que me deixam com um sorriso cada vez que vou à faculdade, o meu ano. Pela confiança, por acreditarem em mim, por se tornarem um alicerce indispensável. Agradeço do fundo do coração todas as gargalhadas que me sossegaram e fortaleceram.

Resumo

Existe algum consenso na literatura acerca da importância das crenças sexuais na sexualidade, no entanto o impacto da frequência de crenças de valências positiva e negativa no funcionamento sexual ainda não se encontra demonstrado. O principal objectivo deste trabalho foi compreender de que forma a frequência de crenças sexuais de valência positiva ou negativa contribuem para prever o funcionamento e a satisfação sexual femininos. Este estudo contou com a participação de 505 mulheres da população portuguesa, com idades compreendidas entre os 18 e 65 anos de idade, que responderam a uma bateria de questionários *online* avaliando variáveis sociodemográficas e relacionais, psicopatológicas, religiosas, crenças sexuais e crenças sexuais.

Os resultados indicaram que as mulheres da amostra relataram uma frequência de crenças sexuais de valência negativa claramente mais baixa do que a frequência de crenças sexuais de valência positiva. Por sua vez, os resultados das regressões hierárquicas indicaram que a frequência de crenças sexuais de valência positiva foi um preditor significativo do funcionamento sexual e das suas dimensões (desejo, excitação, lubrificação, orgasmo, dor e vaginismo), bem como da satisfação sexual, após controlado o efeito de variáveis sociodemográficas, relacionais e psicopatológicas. A frequência de crenças sexuais negativas não se mostrou preditor significativo de nenhuma das dimensões do funcionamento sexual ou da satisfação sexual. Por último, os resultados indicaram que a religiosidade e as crenças sexuais conservadoras foram preditores significativos negativos da frequência de crenças sexuais e de crenças sexuais de valência positiva.

Conclui-se assim que a frequência de crenças sexuais positivas pode funcionar como um factor facilitador do funcionamento e da satisfação sexual feminina, e como potencial factor de protecção para o desenvolvimento de dificuldades sexuais.

Abstract

Empirical studies have consistently shown the importance of sexual cognitions on human sexuality, however the impact of the frequency of positive and negative sexual cognitions in sexual functioning has not been demonstrated yet. The main objective of this study was to understand how the frequency of positive and negative sexual cognitions contributed to predict female sexual functioning and sexual satisfaction. A total of 505 women from the Portuguese population, aged between 18 and 65 years, participated in this study and responded to an online survey assessing demographic, relational, psychopathological, religious, sexual beliefs and sexual cognitions variables.

Results indicated that women reported a lower frequency of negative sexual cognitions than positive sexual cognitions. After controlling for demographic, relational and psychopathological variables, hierarchical regressions indicated that the frequency of positive sexual cognitions was a significant predictor of sexual functioning and related dimensions (desire, arousal, lubrication, orgasm, pain and vaginismus), and of sexual satisfaction. However, negative sexual cognitions did not constituted a significant predictor of any of the dimensions of sexual functioning or sexual satisfaction. Finally, the results indicated that religiosity and conservative sexual beliefs were significant negative predictors of the frequency of sexual cognitions and positive sexual cognitions.

In conclusion, the frequency of positive sexual cognitions may act as an important enabler of female sexual functioning and satisfaction, and as a potential protective factor for the development of sexual difficulties.

Introdução

O estudo das fantasias sexuais tem vindo a receber atenção da comunidade científica, existindo algum consenso de que a sua frequência está associada a uma sexualidade saudável (Singer, 1966 *cit. in* Leitenberg & Henning, 1995). A frequência de fantasias sexuais tem vindo a ser correlacionada com algumas variáveis relevantes para a sexualidade feminina como a satisfação sexual (Alfonso, Allison, & Dunn, 1992; Arndt, Foehl, & Good, 1985; Davison, Bell, LaChina, Holden, & Davis, 2008; Hurlbert, Apt, Hurlbert, & Pierce, 2000; Meston, Trapnell, & Gorzalka, 1996) e a excitação sexual (Brotto, 2010). No entanto, o impacto das fantasias ao nível do funcionamento sexual feminino ainda se encontra pouco estudado. O presente estudo pretende elucidar acerca desta questão empírica, ou seja, da influência das fantasias sexuais no funcionamento sexual feminino.

A literatura tem mostrado que a terminologia de fantasia sexual é ambígua e de difícil definição (Leitenberg & Henning, 1995). No passado, surgiram definições que descreviam fantasias sexuais como “pensamentos e ideias durante a atividade sexual” (McCauley & Swann, 1978 *cit. in* Renaud & Byers, 1999) ou “pensamentos ou fantasias sobre o compromisso na relação sexual” (Pelletier & Herold, 1988). Mais tarde, passou a conceptualizar-se fantasia sexual como “uma experiência privada ou secreta na qual a imaginação do desejo de atividade sexual com o parceiro é sexualmente excitante para o indivíduo” (Plaud & Bigwood, 1997) ou como “quase todas as imagens sexuais que são sexualmente excitantes ou eróticas para o indivíduo” (Leitenberg & Henning, 1995). Embora existam diferentes definições de fantasia sexual, na maioria, está subjacente que são atos mentais ou pensamentos agradáveis e prazerosos (Renaud & Byers, 1999) associados à experiência de estados afetivos positivos (Renaud & Byers, 2001), fazendo com que o termo fantasia sexual esteja acompanhado da expectativa de que é algo positivo para o indivíduo.

Por outro lado, o termo cognição sexual não tem esta expectativa implícita (Little & Byers, 2000) sendo, por isso, mais correta a sua utilização, visto que os indivíduos podem revelar valências negativas e positivas relativamente às cognições sexuais (ou estados afetivos negativos e positivos) (Cado & Leitenberg, 1990; Gil, 1990; Knoth, Boyd, &

Singer, 1988; Gold, Balzano & Stamey, 1991 *cit. in* Renaud & Byers, 1999). Por exemplo, alguns indivíduos referem experienciar sentimentos de culpa e vergonha na sequência de algumas cognições sexuais (Cado & Leitenberg, 1990; Davidson Sr & Hoffman, 1986; Knoth et al., 1988), considerando que estas podem ser prejudiciais ou imorais (Cado & Leitenberg, 1990). Por ser mais abrangente e não ter implícita a expectativa de ser algo positivo ou negativo, será adotada a designação cognição sexual ao longo deste trabalho.

Little, Renaud e Byers (Little & Byers, 2000; Renaud & Byers, 1999, 2001, 2006) distinguem entre cognições sexuais positivas e negativas, sendo que as primeiras dizem respeito a qualquer cognição de teor sexual que é experienciada pelo indivíduo como aceitável, agradável e egossintônica (que está em harmonia com as necessidades e os objetivos do ego, ou é consistente com a autoimagem ideal), e as segundas relativas a cognições de teor sexual que são experienciadas como inaceitáveis, desagradáveis e egodistônicas pelo sujeito (que está em conflito ou é divergente das necessidades e dos objetivos do ego, e que está em conflito com a autoimagem) (Renaud & Byers, 1999). De forma a avaliar as duas valências de cognições sexuais, Renaud e Byers (2001) desenvolveram a *Sexual Cognitions Checklist* e, num estudo exploratório para a validação desta escala, verificaram que a maioria dos participantes referiu ter experienciado pelo menos uma cognição sexual no último ano. Este estudo exploratório mostrou que cerca de 97% dos participantes referiu ter experienciado pelo menos uma das cognições na sua valência negativa e que nenhuma das cognições presentes no questionário tinha sido experienciada apenas como positiva ou negativa (Renaud & Byers, 1999).

No passado, alguns autores defenderam que as fantasias sexuais refletiam a existência de privação ou insatisfação sexual, ocorrendo como forma de compensação (Freud, 1908, 1962 *cit. in* Leitenberg & Henning, 1995). Mais recentemente, diferentes autores têm apontado no sentido contrário argumentando que as cognições sexuais refletem uma sexualidade saudável, uma forma de estimulação natural para o aumento da excitação e do prazer sexual (Singer, 1966 *cit. in* Leitenberg & Henning, 1995). Alguns estudos têm demonstrado que uma maior frequência de cognições sexuais constitui um bom preditor do ajustamento sexual, sendo associada a melhores experiências sexuais (Davidson, 1985; Knafo & Jaffe, 1984; Nutter & Condrón, 1983, 1985 *cit. in* Renaud & Byers, 2001), maior satisfação sexual nas mulheres (Alfonso et al., 1992; Arndt et al., 1985; Meston et al., 1996), maior orientação para o afeto sexual e menor culpa e ansiedade sexual (Pelletier &

Herold, 1988; Purifoy, Grodsky, & Giambra, 1992; Fisher, Byene, White & Kelley, 1988 *cit. in* Renaud & Byers, 2001).

As cognições sexuais parecem também desempenhar um papel importante na manutenção do desejo sexual (Kleinplatz, 1992) e há evidência que mostra que mulheres que experienciaram orgasmos com maior frequência em contexto sexual com um parceiro ou durante a masturbação, apresentam uma maior frequência de cognições sexuais (Leitenberg & Henning, 1995). Por outro lado, tem sido encontrada uma relação positiva entre a ausência de cognições sexuais, ou o sentimento de culpa em relação à presença das mesmas, e alguns tipos de disfunções sexuais (Cado & Leitenberg, 1990; Zimmer, Borchardt, & Fischle, 1983 *cit. in* Leitenberg & Henning, 1995), em particular da perturbação do desejo sexual hipoactivo em mulheres (American Psychiatric Association APA, 2000, 2013; Sierra, Zubeidat, Carretero-Dios, & Reina, 2003).

O modelo do ciclo de resposta sexual proposto por Masters e Johnson (1970) e reformulado mais tarde por Helen Kaplan (1974) contempla três fases: desejo, excitação e orgasmo (Nobre, 2006). As cognições sexuais surgem associadas à fase do desejo (APA, 2000, 2013), definido como soma de forças que inclinam ou afastam o indivíduo da atividade sexual (Levine, 2002), o que sugere que as cognições sexuais são um importante componente do ciclo de resposta sexual. No entanto não há consenso quanto à premissa de que as cognições sexuais sejam necessárias na fase do desejo sexual feminino, existindo dados que sugerem que a ausência de cognições sexuais pode ser normativa entre a maioria das mulheres (Brotto, 2010), não estando associada necessariamente a insatisfação sexual, (Bancroft et al, 2003; Cain et al, 2003 *cit. in* Brotto, 2010). Apesar de não haver consenso quanto à presença de cognições sexuais na fase do desejo sexual feminino, Brotto (2010) defende que se deve ter em conta a presença ou ausência de cognições sexuais na avaliação do desejo sexual na mulher.

Brotto (2010) refere que para além das cognições sexuais poderem ser uma expressão de desejo sexual, são muitas vezes evocadas deliberadamente pelas mulheres para aumentar a excitação sexual, o que sugere que as cognições sexuais podem estar associadas à fase de excitação. Um estudo liderado por Carvalheira (2010), envolvendo uma amostra de 3.687 mulheres da população geral portuguesa, mostrou que mulheres que manifestavam mais dificuldades em se excitar sexualmente revelavam menor frequência de cognições sexuais (Carvalheira, Brotto, & Leal, 2010). Outros estudos mostram que o aumento da excitação sexual e a atração elevada pela pessoa implicada na cognição sexual

favorece a avaliação positiva da cognição sexual, sendo as cognições positivas as que mais geram excitação sexual (Little & Byers, 2000).

A existência de mitos e de crenças sexuais disfuncionais (Nobre & Pinto-Gouveia, 2006) pode ter um papel importante na forma como as cognições sexuais se expressam e são valorizadas pela mulher. Estudos recentes têm mostrado a existência de um conjunto de mitos associados à sexualidade feminina que refletem um padrão repressivo para a mulher, contrariamente ao padrão permissivo e exigente para o homem, e podem funcionar como fatores de vulnerabilidade para o desenvolvimento de disfunções sexuais (Nobre & Pinto-Gouveia, 2006). Num estudo realizado por Nobre e Pinto-Gouveia (2006), mulheres sexualmente disfuncionais apresentaram pontuações mais elevadas no total da escala de crenças sexuais disfuncionais, nomeadamente nas crenças que diziam respeito ao papel do envelhecimento e da imagem corporal, mas também nas crenças conservadoras associadas ao sexo e prazer sexual como pecado (Nobre & Pinto-Gouveia, 2006).

Crenças como “o sexo só deve ocorrer por decisão do homem” ou “é errado ter fantasias sexuais durante uma relação sexual” (Hawton, 1985; Heiman & LoPiccolo, 1988 *cit. in* Nobre, 2006) podem promover a repressão das cognições sexuais em algumas mulheres, diminuindo a sua frequência ou conduzir a uma avaliação negativa das mesmas, facilitando o afeto negativo e tendo um potencial impacto negativo na própria resposta sexual. A presença de crenças sexuais conservadoras pode resultar de fatores culturais e sociais, de uma educação repressiva e pobre quanto às questões da sexualidade, podendo condicionar a frequência e a avaliação das cognições sexuais.

Estudos demonstram que a frequência de cognições sexuais tende a variar com a idade (Leitenberg & Henning, 1995; Nicholas, 2004; Purifoy et al., 1992). Purifoy e colaboradores (1992) mostraram que a frequência de cognições sexuais em mulheres tende a diminuir com a idade. Zimmer (1983 *cit. in* Leitenberg & Henning, 1995) constatou que os participantes do seu estudo com menos de 35 anos de idade revelaram maior frequência de cognições sexuais do que os participantes com idade superior a 35 anos. No estudo de Nicholas (2004) os participantes mais velhos revelaram menor frequência de cognições sexuais, mas mais experiências sexuais associadas às cognições. Hunt (1974 *cit. in* Leitenberg & Henning, 1995) constatou que os jovens adultos (entre os 25 e 34 anos de idade) tinham maior variabilidade de cognições sexuais do que os participantes acima dos 55 anos de idade.

A religião influencia a sociedade e o indivíduo, interferindo com a expressão da sexualidade. A investigação indica que a religiosidade é um preditor do comportamento e das atitudes sexuais (Kinsey, Pomeroy & Martin, 1948; Kinsey, Pomeroy, Martin & Gebhard, 1953 *cit. in* Ahrold, Farmer, Trapnell, & Meston, 2011). A frequência religiosa foi associada a atitudes mais conservadoras em relação à atividade sexual antes do casamento (Pluhar, Frongillo, Stycos & Dempser-McClain, 1998 *cit. in* Ahrold et al, 2011) e a atitudes negativas em relação a sexo oral e anal (Davidson, Moore & Ullstrup, 2004 *cit. in* Ahrold et al., 2011). Num estudo de Gil (1990 *cit. in* Byers, Purdon, & Clark, 1998), a maioria dos participantes que constituiu a amostra conservadora cristã considerou a experiência de cognições sexuais como sendo algo “moralmente errado e inaceitável”, sendo que a resposta emocional desencadeada pela presença das mesmas era geralmente de culpa, por serem avaliadas negativamente. Um outro estudo mostrou que mulheres agnósticas e ateias relataram significativamente mais cognições sexuais do que mulheres religiosas (Ahrold, et al., 2011). Num estudo realizado com mulheres portuguesas, Carvalheira e colaboradores (2010) mostraram que as mulheres não católicas reportaram mais cognições sexuais comparativamente às católicas (Carvalheira et al., 2010), contrariamente ao verificado por Ahrold et al. (2011) que não encontraram diferenças significativas na frequência de cognições sexuais entre os diferentes grupos religiosos.

Embora a relação entre as cognições sexuais e algumas dimensões do funcionamento sexual feminino tenham vindo a ser alvo de interesse científico nas últimas décadas, pouco ainda se conhece acerca do impacto das cognições sexuais de valência positiva e negativa no funcionamento e na satisfação sexual femininos. Desta forma, o presente estudo tem como objetivo principal avaliar o papel das referidas dimensões nas diferentes fases do funcionamento sexual feminino bem como na satisfação sexual, após controlado o efeito de variáveis sociodemográficas (*e.g.*, idade, habilitações literárias, estado civil), relacionais (estar numa relação), psicopatológicas (ansiedade e depressão) e de deseabilidade social. Pretende-se, ainda, compreender o impacto do conservadorismo sexual e da religião na frequência de cognições sexuais. Os resultados deste estudo poderão oferecer um importante contributo para a conceptualização do funcionamento sexual feminino e ter importantes implicações ao nível da intervenção terapêutica.

Tendo em conta a literatura empírica acima descrita, propõem-se as seguintes hipóteses para este estudo:

Hipótese 1: Espera-se que as cognições sexuais positivas apresentem um efeito preditor positivo do funcionamento sexual, com especial evidência nas dimensões do desejo, excitação e orgasmo, sendo esperado um efeito menos significativo das cognições de valência negativa nas mesmas dimensões.

Hipótese 2: Antecipa-se que as cognições sexuais, em especial as de valência positiva, se apresentem como preditores significativos da satisfação sexual.

Hipótese 3: Espera-se que a religião e o conservadorismo sexual se apresentem como preditores significativos da frequência de cognições sexuais, preditor negativo das cognições sexuais positivas e preditor positivo das cognições sexuais negativas.

1. Metodologia

1.1. Participantes

O presente estudo contou com a participação de 505 mulheres da população geral, com idades compreendidas entre os 18 e os 65 anos de idade ($M = 26.92$, $DP = 9.41$). O estado civil predominante foi o de solteira (75.8%), seguindo-se o de casada e a viver em regime de união de facto (11.9% e 7.7% respetivamente). Uma minoria das participantes era separada ou divorciada e viúva (4.4% e 0.2% respetivamente). No que respeita às habilitações literárias, a amostra é bastante diferenciada, sendo que 66.5% das participantes referiu ter formação académica no nível da Licenciatura e/ou Mestrado, 26.1% referiram que a sua escolaridade se encontrava entre o 10º e 12º anos, e 5.7% das participantes mencionou ser Doutorada. Somente 0.6% referiu que a sua escolaridade se situava entre o 7º e o 9º ano e 0.4% mencionou ter o Bacharelato como formação académica (*c.f.* Tabela 1).

Cerca de 93% das participantes referiu ter orientação sexual heterossexual. A maioria das participantes revelou ter como parceiro sexual atual um namorado (57%), cerca de 24% referiu não ter nenhum parceiro sexual e aproximadamente 14% referiu ter o marido como parceiro sexual. Sensivelmente 3.2% referiu ter múltiplos parceiros sexuais masculinos e cerca de 2% mencionou ter a namorada como parceira sexual. Quanto à frequência de atividade sexual, a maioria das participantes referiu envolver-se em atividade sexual com o/a parceiro/a uma a duas vezes por semana (35.6%), seguindo-se a frequência de três a cinco vezes por semana (18.4%). Aproximadamente 5.9% das mulheres envolve-se em atividade sexual todos ou quase todos os dias da semana e 0.4% mais do que uma vez por dia. Cerca de 15.4% das mulheres revelou ter relações entre uma a três vezes por mês, aproximadamente 8.7% envolve-se em atividade sexual menos de uma vez por mês e 5.3% das mulheres menos de uma vez por ano. Cerca de 10% da amostra total das mulheres nunca de envolveu em atividade sexual.

A maioria das mulheres teve entre um a cinco parceiros sexuais ao longo da vida (74%), sendo que 8.9% das participantes não teve parceiros sexuais ao longo da vida.

Aproximadamente 11% das participantes revelou ter tido pelo menos uma experiência sexual não desejada (*c.f.* Tabela 1).

Para as participantes que se encontraram numa relação na altura do estudo, a duração da relação foi, em média, de 57 meses ($DP = 70.66$). A maioria das mulheres estava numa relação há menos de 12 meses (29.9%). O grau de satisfação com a relação foi de 6.01 ($DP = 1.12$).

No que se refere à presença de psicopatologia, cerca de 29% das participantes referiu apresentar sintomas de ansiedade e 16% sintomas de depressão.

Relativamente à prática religiosa, cerca de 47% das participantes referiu professar uma religião, indicando maioritariamente o cristianismo e catolicismo (94% da amostra religiosa), referindo um grau de crença razoável na religião em causa ($M = 4.85$, $DP = 1.31$, $Min = 1$, $Max = 7$) e de prática religiosa ($M = 3.65$, $DP = 1.62$, $Min = 1$, $Max = 7$).

1.2. Instrumentos

1.2.1. Questionário Sociodemográfico

Este questionário destina-se à avaliação dos dados sociodemográficos das participantes e inclui também informação relativa a questões relacionais e comportamento sexual, história médica e religião.

1.2.2. Índice de Funcionamento Sexual Feminino (*FSFI*; Rosen, 2000; traduzido e adaptado por Nobre, 2001, *cit. in* Nobre 2006)

Questionário de autorresposta que permite avaliar diferentes dimensões do funcionamento sexual feminino relativamente às últimas quatro semanas. É constituído por 19 itens com várias opções de resposta. Além do índice total é possível calcular índices específicos para as diferentes dimensões do funcionamento sexual, correspondentes aos fatores: Interesse Sexual/ Desejo, Excitação Sexual, Lubrificação, Orgasmo, Satisfação Sexual e Dor Sexual (Rosen et al., 2000).

Rosen et al. (2000) demonstraram uma boa estabilidade temporal dos resultados para todas as dimensões (correlações entre $r = .79$ e $r = .86$) e para a escala total ($r = .88$);

e boa consistência interna na escala total (alfa de Cronbach de .97) e para cada uma das dimensões (alfa de Cronbach com valores superiores a .86). O *FSFI* revelou diferenças significativas ($p < .001$) em todas as dimensões avaliadas e no total da escala, entre um grupo clínico e um grupo de controlo (Rosen et al., 2000).

Na validação do *FSFI* adaptado para a população portuguesa, o questionário revelou boa consistência interna, obtendo alfas de Cronbach iguais ou superiores a .88 para cada uma das suas dimensões e de .93 para a escala total (Pechorro, Diniz, Almeida, & Vieira, 2009). No que diz respeito à validade discriminante, demonstrou-se que o *FSFI* consegue distinguir uma amostra clínica de uma amostra não-clínica em todas as dimensões ($p < .05$) e na escala total ($p < .001$) (Pechorro et al., 2009). Neste estudo foi acrescentado um item adicional à escala para avaliar a presença de vaginismo (Nobre, 2006).

1.2.3. Inventário de Cognitiones Sexuais (*SCC*; Renaud & Byers, 1999, 2001; traduzido e adaptado por Quinta Gomes, Carvalho, Santos, & Nobre, em preparação)

O *Inventário de Cognitiones Sexuais* foi desenvolvido para avaliar cognitiones sexuais que são experienciadas de forma positiva (*POSCOG*) e/ou negativa (*NEGCOG*) (Renaud & Byers, 2011). O inventário é constituído por 56 itens, cada um corresponde a uma cognição sexual, 40 itens foram retirados do *Wilson Sex Fantasy Questionnaire (WSFQ)*; Wilson, 1988 cit. in Renaud & Byers, 2011) extensivamente utilizado em investigação e os restantes itens foram retirados do *Revised Obsessional Intrusions Inventory–Sex Version (ROI-v2)* (Byers et al., 1998 cit. in Renaud & Byers, 2011). Alguns itens foram modificados de forma a poderem ser experienciados de diferentes formas, positiva e/ou negativa.

Os participantes respondem ao inventário utilizando uma escala de *Likert* de sete pontos, de *Nunca tive este pensamento* (0) a *Eu tive/tenho este pensamento frequentemente durante o dia* (6). Cada item é composto por duas dimensões, uma que avalia a frequência de cada cognição sexual experienciada pelo sujeito como positiva (*POSCOG*) e outra como negativa (*NEGCOG*). As pontuações totais de frequência das cognitiones sexuais (positiva e negativa) são calculadas através do somatório das respostas a cada item, sendo que pontuações mais altas indicam uma maior frequência de cognitiones sexuais positivas e/ou negativas (as pontuações variam entre 0 e 336). O inventário conta, ainda, com duas

subescalas, de submissão sexual (dez itens) e de dominação sexual (seis itens) sendo o cálculo feito da mesma forma que a escala total, ou seja, tendo em conta o número de itens de cada escala.

O estudo psicométrico da escala original revelou valores elevados de consistência interna para as subescalas POSCOG e NEGCOG na amostra feminina, ($\alpha = .95$ e $.95$, respetivamente) e valores aceitáveis de consistência interna para as subescalas de submissão e dominação (Renaud & Byers, 2011).

Para além das subescalas de cognições sexuais de valência positiva e negativa, a versão Portuguesa da escala inclui ainda uma subescala de frequência geral de cognições sexuais. Embora o estudo de validação da escala para a população Portuguesa ainda se encontre a decorrer, os resultados preliminares da estabilidade temporal e de consistência interna da escala encontram-se disponíveis (Quinta Gomes, Carvalho, Santos, & Nobre, em preparação). A estabilidade temporal foi estudada com um total de 56 participantes (34 mulheres e 22 homens), em duas administrações consecutivas do questionário com um intervalo de 2 semanas. A correlação teste-reteste foi elevada para as três subescalas: cognições sexuais de valência positiva, $r = .88$, $p < .001$, cognições sexuais de valência negativa, $r = .90$, $p < .001$, e frequência geral de cognições sexuais, $r = .88$, $p < .001$, sugerindo níveis bastante satisfatórios da estabilidade temporal do instrumento. A consistência interna foi avaliada através do cálculo do alfa de Cronbach para as três subescalas em separado ($N = 1.224$), verificando-se valores elevados de consistência interna para a subescala de cognições sexuais de valência positiva (56 itens: $\alpha = .95$), para a subescala de cognições sexuais de valência negativa (56 itens: $\alpha = .97$) e para a frequência geral de cognições sexuais (56 itens: $\alpha = .95$), confirmando a boa consistência interna do instrumento (Quinta Gomes et al., em preparação).

Neste trabalho foram utilizadas as três subescalas que compõem a versão Portuguesa do questionário.

1.2.4. Medida Global da Satisfação Sexual (*MGSS*; Lawrence & Byers, 1998; traduzido e adaptado por Pascoal & Narciso, 2006)

Lawrence e Byers (1998) desenvolveram a *Global Measure of Sexual Satisfaction (GMSEX)* que permite avaliar a satisfação sexual global numa relação íntima (Pascoal,

2012). Lawrence e Byers (1998) encontraram boas qualidades psicométricas da *GMSEX* em vários estudos (e.g., Byers, 2005; Byers & Demmons, 1999; Renaud, Byers, & Pan, 1997 *cit. in* Vilarinho, 2010), em termos de validade e de fidelidade (alfa de Cronbach sempre superiores a .90) (Vilarinho, 2010). No estudo de Vilarinho (2010), a análise psicométrica da *GMSEX* revelou um alfa de Cronbach de .98, a estabilidade temporal foi assegurada, com um valor de teste-reteste de $r = .85$ ($p < .001$). Pascoal (2012, 2013) verificou uma boa fiabilidade e validade do instrumento.

1.2.5. Socially Desirable Response Set (*SDRS-5*; Hays, Hayashi, & Stewart, 1989)

Este instrumento permite avaliar a tendência do participante para responder de forma socialmente desejável (*SDRS-5*; Hays et al., 1989). É composto por cinco itens (alpha de Cronbach = .68) e apenas as respostas de valor extremo são consideradas como socialmente desejáveis (Hays et al., 1989).

1.2.6. Questionário de Crenças Sexuais Disfuncionais (*QCSD* - versão feminina; Nobre, Pinto-Gouveia, & Gomes, 2003)

O *QCSD* versão feminina tem como objetivo avaliar estereótipos e crenças sexuais específicas, que se considera, na literatura empírica, estarem associadas ao desenvolvimento de disfunções sexuais femininas (Heiman & LoPiccolo, 1988 *cit. in* Vilarinho, 2010; Nobre & Pinto-Gouveia, 2006, 2008, 2009). As participantes indicam em que medida concordam com cada uma das 40 afirmações listadas, numa escala do tipo *Likert* de cinco pontos, de *discordo completamente* (1) a *concordo completamente* (5).

No que diz respeito às características psicométricas, o *QCSD* versão feminina revelou uma boa consistência interna (alfa de Cronbach de .81 para o total da escala, aumentando para .86 quando se exclui o fator 5) e elevada estabilidade temporal ($r = .80$) (Nobre et al., 2003). Os índices de Cronbach para as dimensões variam entre .51 (Negação da Primazia do Afeto) e .78 (Conservadorismo Sexual) (Vilarinho, 2010). Quanto à estrutura fatorial, o presente instrumento revelou a presença de 6 fatores, explicando 42.5% do total da variância: Conservadorismo Sexual, Desejo Sexual como Pecado, Crenças Sexuais Relacionadas com a Idade, Crenças Sexuais Relacionadas com a Imagem Corporal, Negação da Primazia do Afeto e Primazia da Maternidade (Nobre et al., 2003).

Embora a escala integre várias dimensões, neste trabalho, apenas se utilizou a subescala do conservadorismo sexual.

1.3. Procedimento

O presente estudo foi aprovado pela Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Após a sua aprovação, o estudo foi divulgado junto da comunidade académica da Universidade do Porto e da população geral através de anúncios difundidos através de correio eletrónico, pelo método bola de neve (*Snowball*), e das redes sociais, constituindo uma amostra de conveniência e não aleatória. As participantes foram convidadas a responder *online* a um protocolo de questionários destinados à avaliação de um conjunto de variáveis como as crenças sexuais, crenças sexuais disfuncionais, funcionamento sexual e satisfação sexual, após obtido o seu consentimento informado. Todos os questionários foram acompanhados das respetivas instruções de preenchimento e o tempo médio de resposta foi de aproximadamente 25 minutos. De forma a preservar o anonimato e a confidencialidade das participantes, as respostas aos questionários foram remetidas automaticamente para uma base de dados e em momento nenhum foi pedido qualquer elemento identificativo das participantes (*e.g.*, não foram pedidos dados como o nome, contacto telefónico ou morada).

2. Resultados

2.1. Frequência de Cognições Sexuais

Para compreender a frequência das cognições sexuais foi realizada uma análise de frequências. A média da frequência geral de cognições sexuais foi 72.55 ($DP = 37.03$), de forma semelhante foi a frequência de cognições sexuais de valência positiva ($M = 71.38$, $DP = 39.99$), menos frequentes foram as cognições sexuais de valência negativa ($M = 25.54$, $DP = 40.07$).

2.2. Cognições Sexuais e Funcionamento Sexual Feminino

De modo a avaliar a capacidade preditora das cognições sexuais nas diferentes dimensões do funcionamento sexual e no funcionamento sexual em geral, foram realizadas regressões múltiplas hierárquicas, usando o método Enter. Um conjunto de variáveis com impacto demonstrado no funcionamento sexual (Lutfey, Link, Rosen, Wiegel, & McKinlay, 2009; Vilarinho, 2010) foi incluído nas análises, de forma a clarificar o contributo adicional das cognições sexuais no funcionamento sexual, após controlado o efeito das mesmas. Desta forma, num primeiro passo, foram incluídas no modelo como variáveis independentes a deseabilidade social (avaliada por intermédio do *SDRS-5*), as variáveis demográficas idade, habilitações literárias e estado civil (estar em coabitação, casamento ou união de facto, ou ser solteiro), estar ou não numa relação amorosa, e a presença ou ausência de sintomas de ansiedade e de depressão (variáveis avaliadas através do questionário sócio-demográfico). Num segundo passo, introduziram-se as variáveis independentes relativas à frequência geral de cognições sexuais, frequência de cognições sexuais positivas e frequência de cognições sexuais negativas. As variáveis dependentes utilizadas foram o funcionamento sexual geral (pontuações totais obtidas no *FSFI*) e as diferentes dimensões do funcionamento sexual (avaliadas por intermédio do *FSFI*).

Os resultados demonstraram modelos significativos quer no passo 1 para o funcionamento sexual geral e para todas as suas dimensões ($p < .001$), quer no passo 2,

para o funcionamento sexual geral [$F(10,469) = 28.21, p < .001, R^2_{Aj} = .36, \Delta R^2 = .03, p < .001$] e para as dimensões do desejo [$F(10,469) = 20.38, p < .001, R^2_{Aj} = .29, \Delta R^2 = .15, p < .001$], excitação [$F(10,469) = 24.17, p < .001, R^2_{Aj} = .33, \Delta R^2 = .04, p < .001$], lubrificação [$F(10,469) = 18.31, p < .001, R^2_{Aj} = .27, \Delta R^2 = .02, p = .002$], orgasmo [$F(10,469) = 16.42, p < .001, R^2_{Aj} = .24, \Delta R^2 = .01, p = .028$], dor [$F(10,469) = 17.01, p < .001, R^2_{Aj} = .25, \Delta R^2 = .03, p = .001$] e vaginismo [$F(10,469) = 19.84, p < .001, R^2_{Aj} = .28, \Delta R^2 = .03, p = .001$]. As cognições sexuais no seu conjunto contribuíram significativamente para prever todas as dimensões de funcionamento sexual, após controlado o efeito das variáveis incluídas no passo 1. As cognições sexuais explicaram adicionalmente 3% da variância do funcionamento sexual, 15% do desejo, 4% da excitação, 2% da lubrificação, 1% do orgasmo, 3% da dor e do vaginismo.

A análise de coeficientes estandardizados, identificou as cognições sexuais de valência positiva como preditor significativo do funcionamento sexual geral [$\beta = .25, t(479) = 3.13, p < .01$] e de todas as suas dimensões: desejo [$\beta = .20, t(479) = 2.34, p < .05$], excitação [$\beta = .24, t(479) = 2.93, p < .01$], lubrificação [$\beta = .21, t(479) = 2.42, p < .05$], orgasmo [$\beta = .19, t(479) = 2.13, p < .05$], dor [$\beta = -.27, t(479) = -3.16, p < .01$] e vaginismo [$\beta = -.24, t(479) = -2.82, p < .01$]. A frequência geral de cognições foi preditor do desejo sexual [$\beta = .23, t(479) = 2.68, p < .01$]. A frequência de cognições sexuais de valência negativa não foi preditor de nenhuma variável (*c.f.* Tabelas 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9).

2.3. Cognições Sexuais e Satisfação Sexual

Para avaliar capacidade preditora das cognições sexuais na satisfação sexual, foi realizada uma regressão múltipla hierárquica, método Enter. Um conjunto de variáveis com impacto demonstrado na satisfação sexual foi incluído nas análises, de forma a clarificar o contributo adicional das cognições sexuais na satisfação sexual. Desta forma, num primeiro passo, foram incluídas no modelo como variáveis independentes a deseabilidade social (avaliada por intermédio do *SDRS-5*), as variáveis demográficas idade, habilitações literárias e estado civil (estar em coabitação, casamento ou união de facto, ou ser solteiro), estar ou não numa relação amorosa, e a presença ou ausência de sintomas de ansiedade e de depressão (variáveis avaliadas através do questionário sócio-demográfico). Num segundo passo, introduziram-se as variáveis independentes relativas à

frequência geral de cognições sexuais, frequência de cognições sexuais positivas e frequência de cognições sexuais negativas. A variável dependente utilizada foi a satisfação sexual (avaliada por intermédio da *MGSS*).

Os resultados desta análise confirmaram a significância do modelo de regressão testado com o conjunto de preditores, no segundo passo, a explicar cerca de 36% da variância da satisfação sexual, $F(10, 469) = 28.00, p < 0.001, R^2_{Aj} = .36, \Delta R^2 = .008, p = .097$. Apesar do contributo adicional após a inclusão das cognições sexuais no passo 2 não ter sido estatisticamente significativo, a análise de coeficientes revelou que a frequência de cognições sexuais de valência positiva se mostrou preditor significativo da satisfação sexual [$\beta = .18, t(479) = 2.26, p < .05$] (*c.f.* Tabela 10).

2.4. Cognições Sexuais, Religiosidade e Conservadorismo Sexual

De modo a avaliar capacidade preditora da religião e das crenças sexuais conservadoras na frequência de cognições sexuais, foi realizada uma análise de regressão múltipla hierárquica, método Enter. De forma a compreender a percentagem de variância adicional explicada pela religião após controladas as variáveis demográficas na explicação da frequência de cognições sexuais. Como variáveis independentes, no primeiro passo, foram incluídas a desajustabilidade social (avaliada por intermédio do *SDRS-5*), idade, habilitações literárias, estado civil (estar em coabitação, casamento ou união de facto, ou ser solteiro), estar ou não numa relação amorosa, e os problemas de saúde ansiedade e depressão (todas estas avaliadas através do questionário sócio-demográfico). No segundo passo, introduziram-se as variáveis independentes religião (avaliada através do questionário sócio-demográfico) e as crenças sexuais conservadoras (avaliadas através do *QCSD*). As variáveis dependentes utilizadas foram a frequência geral de cognições sexuais e a frequência de cognições sexuais de valência positiva e de valência negativa, em análises independentes.

Os resultados demonstraram modelos significativos, quer no passo 1 ($p < .01$), quer no passo 2 das regressões lineares hierárquicas, para a frequência geral de cognições sexuais [$F(9,470) = 13.86, p < .001, R^2_{Aj} = .20, \Delta R^2 = .11, p < .001$], a frequência de cognições sexuais de valência positiva [$F(9,470) = 11.79, p < .001, R^2_{Aj} = .17, \Delta R^2 = .11, p <$

.001] e para a frequência de cognições sexuais de valência negativa [$F(9,470) = 2.92, p = .013, R^2_{Aj} = .03, \Delta R^2 = .002, p < .669$].

A análise de coeficientes estandardizados, identificou a religião como preditor significativo e negativo da frequência geral de cognições sexuais [$\beta = -.14, t(479) = -3.27, p < .01$] e da frequência de cognições sexuais de valência positiva [$\beta = -.14, t(479) = -3.23, p < .01$] e as crenças sexuais conservadoras como preditor da frequência geral de cognições sexuais [$\beta = -.30, t(479) = -6.86, p < .001$] e da frequência de cognições sexuais de valência positiva [$\beta = -.30, t(479) = -6.81, p < .001$] (*c.f.* Tabelas, 11, 12 e 13).

3. Discussão

O principal objetivo do presente estudo foi explorar o papel das cognições sexuais de valência positiva e negativa no funcionamento sexual feminino em geral bem como nas suas várias dimensões e na satisfação sexual. Embora exista evidência empírica que mostra que a presença de fantasias sexuais se encontra associada positivamente a uma sexualidade saudável (Leitenberg & Henning, 1995) e a diferentes dimensões do funcionamento sexual (*e.g.* Alfonso et al., 1992; APA, 2000, 2013; Brotto, 2010; Hurlbert et al., 2000), ainda pouco se conhece acerca do impacto das cognições sexuais de valência positiva e de valência negativa no funcionamento sexual, sendo esse o principal intuito deste estudo.

O resultado mais evidente do presente estudo foi o facto das cognições sexuais de valência positiva revelarem-se um importante preditor do funcionamento sexual em geral, das diferentes dimensões do funcionamento sexual e da satisfação sexual. Pelo contrário, as cognições sexuais de valência negativa não se mostraram relevantes para predizer o funcionamento sexual, da forma como era esperado inicialmente. Isto pode dever-se ao facto de haver uma tendência generalizada para a diminuição da frequência de cognições sexuais de valência negativa, comparativamente às de valência positiva, conforme foi encontrado na nossa amostra e que vai ao encontro dos resultados encontrados em estudos anteriores (Renaud & Byers, 1999, 2001). Nos estudos realizados por Renaud e Byers (1999, 2001), verificou-se que as cognições sexuais de valência positiva eram significativamente mais frequentes do que as de valência negativa. A reduzida frequência de cognições sexuais negativas pode revelar que estas não são tão relevantes para o funcionamento sexual, pela sua escassez e pelo facto de serem, geralmente, de curta duração (Byers et al., 1998; Renaud & Byers, 2001). Outra explicação para a ausência de relação entre a frequência de cognições sexuais de valência negativa e as diferentes dimensões do funcionamento sexual e a satisfação sexual pode estar relacionada com o conteúdo da cognição sexual, uma vez que as cognições sexuais, em princípio, terão maior impacto nas situações semelhantes representadas por essa cognição. Considere-se o exemplo: “Receber sexo oral”, este item pode ser avaliado de forma negativa e pouco frequente por um sujeito, se esta cognição sexual for pontual e não persistir provavelmente não afetará a atividade sexual do indivíduo e, desta forma, não irá interferir no seu

funcionamento sexual ou com a sua satisfação sexual. No entanto, se a cognição sexual for experienciada e se o indivíduo receber sexo oral, provavelmente a valência negativa desta cognição sexual irá interferir com o funcionamento e a satisfação sexual durante a atividade sexual, sobretudo se a cognição sexual for mais frequente enquanto negativa do que positiva.

Uma das principais hipóteses avançadas para este estudo foi a as cognições sexuais positivas e negativas apresentarem um efeito preditor do funcionamento sexual, um efeito menor das cognições sexuais negativas. Os resultados demonstraram que a frequência de cognições sexuais de valência positiva foi um preditor significativo do funcionamento sexual em geral e das dimensões do desejo, excitação, lubrificação, orgasmo, dor e vaginismo.

Conforme referido, a frequência geral de cognições sexuais foi um preditor positivo do desejo sexual das participantes deste estudo. Estes resultados são um indicador consistente de que a presença e uma maior frequência de cognições sexuais, nomeadamente de valência positiva, são componentes importantes do funcionamento sexual, contribuindo para uma sexualidade mais saudável. Os resultados vão assim ao encontro da literatura que demonstra uma forte associação entre o desejo sexual e a frequência de cognições sexuais (Nutter & Condron, 1983; Zimmer, Borchardt, & Fischle, 1983 *cit. in* Andersen & Cyranowski, 1995), e que as cognições sexuais desempenham um papel importante na manutenção do desejo sexual (Kleinplatz, 1992).

Desde há muito que se preconiza que as fantasias sexuais podem ser utilizadas como uma forma natural para aumentar a excitação sexual (Singer, 1966 *cit. in* Leitenberg & Henning, 1995) e estudos mais recentes voltam a afirmá-lo (Brotto, 2010). Os resultados da presente investigação reforçam esta ideia ao sugerir que a frequência de cognições sexuais de valência positiva pode potenciar a excitação sexual e a lubrificação na mulher. Ou seja, uma maior frequência de cognições sexuais positivas pode promover o aumento da excitação subjetiva e, conseqüentemente, favorecer a lubrificação. A lubrificação está relacionada com a fase da excitação, apresentando-se como uma das manifestações da excitação na mulher (Masters & Johnson, 1966 *cit. in* Nobre, 2006). Segundo a literatura disponível, níveis mais baixos de excitação (genital ou subjetiva) podem levar a uma lubrificação insuficiente (Kuile, Weijenborg, & Spinhoven, 2010). Desta forma, mulheres com dificuldades ao nível da resposta de excitação e/ou lubrificação podem beneficiar da utilização deliberada de cognições sexuais (pensamentos e/ou imagens de caráter erótico

consideradas como positivas e excitantes) como estratégia para aumentarem a sua excitação sexual e facilitarem a lubrificação.

A frequência de cognições sexuais de valência positiva mostrou estar associada positivamente à dimensão do orgasmo, sugerindo que uma maior frequência de cognições sexuais positivas pode ser um importante auxílio para as mulheres experienciarem o orgasmo. Estes dados estão de acordo com estudos anteriores que demonstraram que as mulheres tendem a recorrer às cognições sexuais como forma de facilitar o orgasmo (Lunde, Larsen, Fog, & Garde, 1991 *cit. in* Andersen & Cyranowski, 1995) e que aquelas que experienciavam orgasmos com maior regularidade apresentavam uma maior frequência de cognições sexuais (Leitenberg & Henning, 1995).

Relativamente às dimensões de dor sexual e vaginismo, os resultados demonstraram a existência de uma relação negativa e significativa entre a frequência de cognições sexuais de valência positiva e as referidas dimensões, o que sugere que uma maior frequência de cognições sexuais de valência positiva pode funcionar como um fator de proteção para a experiência de dor sexual e vaginismo, o que vai ao encontro de estudos recentes. Num estudo com mulheres com vaginismo, estas revelaram menos pensamentos eróticos durante a atividade sexual em comparação a mulheres da população geral (Nobre & Pinto-Gouveia, 2008). Mais recentemente, num estudo comparativo entre mulheres com dor sexual, disfunção sexual, dor crónica e da população em geral, as mulheres com dor sexual e com disfunção sexual apresentaram maior escassez de pensamentos eróticos (Oliveira, 2013). Estes dados parecem revelar que a utilização de cognições sexuais de valência positiva ou fantasias em contexto sexual pode ter um efeito protetor em relação à experiência de dor sexual durante o coito, ao promover a excitação sexual e, conseqüentemente, ao facilitar a lubrificação na mulher.

Encontra-se bem demonstrado na literatura que o funcionamento sexual e a satisfação sexual se relacionam com algumas variáveis sociodemográficas como a idade (Parish et al., 2007; Purifoy et al., 1992; Vilarinho, 2010) e as habilitações literárias (Parish et al., 2007; Vilarinho, 2010). Neste estudo também se encontrou uma relação significativa entre o funcionamento e satisfação sexual e as variáveis sociodemográficas mencionadas. Por essa razão, decidiu-se controlar o seu efeito nas regressões lineares hierárquicas, para melhor compreender o contributo da frequência de cognições sexuais para além do efeito das variáveis sociodemográficas.

A variável “estar numa relação” foi preditor do funcionamento sexual geral e de todas as suas dimensões, preditor negativo para as dimensões dor e vaginismo e preditor positivo para as restantes dimensões e funcionamento sexual geral. Estes dados indicam que as mulheres que se encontram numa relação apresentam um melhor funcionamento sexual. É importante ter em consideração que o grau elevado de satisfação com o relacionamento que as participantes indicaram poderá explicar o facto de estar numa relação sexual ser preditor de níveis mais elevados de funcionamento sexual. Num estudo com mulheres portuguesas, a presença de um parceiro sensível às necessidades da companheira e a qualidade do relacionamento foram preditores da satisfação sexual (Vilarinho, 2010). No presente estudo não foram tidas em consideração as características dos parceiros sexuais das participantes, no entanto, os resultados indicaram níveis elevados de satisfação com o relacionamento, o que pode indicar que as participantes que se encontram numa relação tenham parceiros/as sensíveis às suas necessidades sexuais, contribuindo para melhores experiências sexuais e, assim, melhores níveis de funcionamento sexual.

No que diz respeito aos preditores psicopatológicos, a presença de ansiedade foi preditor negativo da dimensão lubrificação e preditor positivo das dimensões dor e vaginismo. A presença de sintomatologia depressiva foi preditor negativo da dimensão orgasmo. À semelhança de estudos anteriores, estes dados sugerem que a presença de sintomatologia depressiva (Dunn, Croft, & Hackett, 1999) e/ou ansiosa (Kaya et al., 2006; Meana & Lykins, 2009; Vilarinho, 2010) prediz níveis mais baixos de funcionamento sexual.

Em relação à satisfação sexual, esta investigação demonstrou que a frequência de cognições sexuais de valência positiva se constituiu um preditor significativo da satisfação sexual. Estes dados sugerem que uma maior frequência de cognições sexuais de valência positiva contribui para níveis mais altos de satisfação sexual, confirmando, assim, a hipótese avançada inicialmente. O facto de as mulheres se sentirem mais confortáveis com a sua sexualidade e procurarem potenciar o seu prazer sexual pode estar na base do recurso mais regular e frequente de fantasias ou cognições sexuais em situações de interação sexual. Estes dados são consistentes com os resultados encontrados por Vilarinho (2010) num estudo acerca do funcionamento e a satisfação sexual realizado com mulheres portuguesas, em que se verificou que os pensamentos e fantasias sexuais se encontravam

associados a níveis mais elevados de satisfação sexual. Assim, o recurso a cognições sexuais durante a atividade sexual parece contribuir para o aumento da satisfação sexual.

Tal como para o funcionamento sexual, as variáveis idade e habilitações literárias foram preditores significativos da satisfação sexual, sugerindo que a satisfação sexual diminui com o avançar da idade e que níveis mais elevados de escolaridade se associam a níveis mais altos de satisfação sexual, o que vai ao encontro da literatura (Vilarinho (2010). A idade também foi preditor da frequência geral de cognições sexuais e da frequência de cognições sexuais de valência positiva, indicando que a frequência de cognições sexuais decresce com o avançar da idade, o que vai ao encontro de estudos realizados anteriormente (Nicholas, 2004; Purifoy et al., 1992).

O facto de estar numa relação também foi preditor significativo da satisfação sexual, o que vai ao encontro do referido anteriormente: estar numa relação satisfatória prediz a satisfação sexual. Existem vários estudos que encontraram resultados no mesmo sentido, uma associação positiva entre a satisfação sexual e níveis mais elevados de satisfação conjugal (Cupach & Comstock, 1990; Greeley, 1991; Edwards & Booth, 1994; Lawrence & Byers, 1995; Haavio-Mannila & Kontula, 1997 *cit. in* Christopher & Sprecher, 2000).

Outra hipótese avançada inicialmente foi que, quando testadas em conjunto, as variáveis conservadorismo sexual e religião seriam preditores da frequência de cognições sexuais. Os resultados das regressões corroboraram esta hipótese indicando que a religião e as crenças sexuais conservadoras foram preditores negativos significativos da frequência geral de cognições sexuais e da frequência de cognições sexuais de valência positiva. Estes resultados indicam que o facto de ser religioso influencia negativamente a frequência de cognições sexuais (Ahrold et al., 2011; Carvalheira et al., 2010), assim como a presença de crenças sexuais em geral, nomeadamente as crenças mais conservadoras. Ou seja, ser religioso ou ter crenças sexuais conservadoras diminui a frequência de cognições sexuais em geral e de valência positiva, mas não revela nenhum efeito na frequência de cognições sexuais negativas. Estes dados podem sugerir que as pessoas religiosas e as pessoas com mais crenças sexuais disfuncionais, nomeadamente de conservadorismo sexual, não estão tão propensas a ter cognições sexuais, embora estas possam ser avaliadas de forma positiva. Ou seja, as crenças sexuais e a religião parecem não ter efeito na avaliação das cognições sexuais, mas sim na sua frequência.

Os resultados deste estudo oferecem um contributo para a investigação acerca das cognições sexuais, demonstrando que a frequência de cognições sexuais de valência positiva se constituem como uma componente importante do funcionamento e da satisfação sexual na mulher, o que poderá ter implicações importantes ao nível da educação para a sexualidade como a um nível mais terapêutico. Numa perspetiva orientada para a educação sexual será importante desmistificar, junto da população geral, eventuais crenças disfuncionais acerca da sexualidade e associadas à experiência de cognições sexuais. Num plano mais terapêutico, desenvolver e estimular o recurso a cognições sexuais positivas, sobretudo durante a atividade sexual, principalmente em mulheres com queixas de baixo desejo sexual e dificuldades de excitação, lubrificação e orgasmo, poderá ter um efeito protetor para o desenvolvimento de disfunções sexuais e melhorar significativamente o funcionamento e satisfação sexual.

Embora relevantes, os resultados deste estudo devem ser interpretados com alguma precaução, considerando as limitações inerentes à investigação. Desde logo em relação à amostra, por conveniência e difundida maioritariamente em contexto académico. A recolha da amostra foi realizada *online*, não garantindo a veracidade das respostas e limitando o acesso das participantes. Por se tratarem de matérias sensíveis e idiossincráticas das vivências sexuais das participantes, a autoavaliação está mais passível de enviesamentos por parte das participantes do estudo, por essa razão se admite a hipótese de nem todas as respostas espelharem a realidade de cada participante. Finalmente, pela observação das características sociodemográficas da amostra utilizada neste estudo, é notório que esta é composta por mulheres maioritariamente jovens e com um elevado grau de escolaridade, pelo que é necessária bastante cautela na generalização dos resultados encontrados para as mulheres da população em geral.

O estudo das cognições sexuais de valências positiva e negativa ainda se encontra pouco desenvolvido. No entanto, aos poucos abre-se o leque da sua importância na relação com o funcionamento e a satisfação sexual. Os dados deste estudo mostram, de uma forma bastante consistente, a importância das cognições sexuais de valência positiva ao nível do funcionamento e da satisfação sexual femininos, o que sugere que as cognições sexuais podem funcionar como um fator protetor do desenvolvimento de disfunções sexuais. Sendo o funcionamento e a satisfação sexual condições importantes na manutenção de uma sexualidade saudável e qualidade de vida, e dispondo de evidência acerca do papel das cognições sexuais nessas dimensões, é importante prosseguir com os estudos neste âmbito.

Este é um ponto de partida para futuras investigações, estimulando a curiosidade acerca das cognições sexuais e das interações que estas mantêm com a sexualidade, que é dimensão inseparável da condição humana, assim como a evolução cognitiva de cada ser sexual.

Referências Bibliográficas

- Ahrold, T. K., Farmer, M., Trapnell, P. D., & Meston, C. M. (2011). The relationship among sexual attitudes, sexual fantasy, and religiosity. *Archives of Sexual Behavior, 40*(3), 619-630. doi: 10.1007/s10508-010-9621-4
- Alfonso, V. C., Allison, D. B., & Dunn, G. M. (1992). Sexual fantasy and satisfaction: A multidimensional analysis of gender differences. *Journal of Psychology & Human Sexuality, 5*(3), 19-37.
- American Psychiatric Association, A. (2000). *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais 4ªed. Texto Revisto.* (J. N. d. Almeida, Trans.). Washington, DC: American Psychiatric Association.
- American Psychiatric Association, A. (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (5th ed.). Washington, DC: American Psychiatric Association.
- Andersen, B. L., & Cyranowski, J. M. (1995). Women's sexuality: Behaviors, responses, and individual differences. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 63*(6), 891-906. doi: 10.1037/0022-006X.63.6.891
- Arndt, W. B., Foehl, J. C., & Good, F. E. (1985). Specific sexual fantasy themes: A multidimensional study. *Journal of Personality and Social Psychology, 48*(2), 472-480. doi: 10.1037/0022-3514.48.2.472
- Brotto, L. A. (2010). The DSM diagnostic criteria for hypoactive sexual desire disorder in women. *Archives of Sexual Behavior, 39*(2), 221-239. doi: 10.1007/s10508-009-9543-1
- Byers, E. S., Purdon, C., & Clark, D. A. (1998). Sexual intrusive thoughts of college students. *Journal of Sex Research, 35*(4), 359-369.
- Cado, S., & Leitenberg, H. (1990). Guilt reactions to sexual fantasies during intercourse. *Archives of Sexual Behavior, 19*(1), 49-63. doi: 10.1007/BF01541825
- Carvalho, A. A., Brotto, L. A., & Leal, I. (2010). Women's motivations for sex: exploring the diagnostic and statistical manual, fourth edition, text revision criteria for hypoactive sexual desire and female sexual arousal disorders. *Journal of Sexual Medicine, 7*(4), 1454-1463. doi: 10.1111/j.1743-6109.2009.01693.x
- Christopher, F. S., & Sprecher, S. (2000). Sexuality in marriage, dating, and other relationships: a decade review. *Journal of Marriage & Family, 62*(4), 999-1017.
- Davidson Sr, J. K., & Hoffman, L. E. (1986). Sexual fantasies and sexual satisfaction: an empirical analysis of erotic thought. *Journal of Sex Research, 22*(2), 184.

- Davison, S. L., Bell, R. J., LaChina, M., Holden, S. L., & Davis, S. R. (2008). Sexual function in well women: stratification by sexual satisfaction, hormone use, and menopause status. *Journal of Sexual Medicine, 5*(5), 1214-1222. doi: 10.1111/j.1743-6109.2008.00780.x
- Dunn, K. M., Croft, P. R., & Hackett, G. I. (1999). Association of sexual problems with social, psychological, and physical problems in men and women: A cross sectional population survey. *Journal of Epidemiology and Community Health, 53*(3), 144-148.
- Gil, V. E. (1990). Sexual fantasy experiences and guilt among conservative christians: an exploratory study. *Journal of Sex Research, 27*(4), 629-638.
- Hays, R. D., Hayashi, T., & Stewart, A. L. (1989). A five-item measure of socially desirable response set. *Educational and Psychological Measurement, 49*(3), 629-636.
- Hurlbert, D. F., Apt, C., Hurlbert, M. K., & Pierce, A. P. (2000). Sexual compatibility and the sexual desire-motivation relation in females with hypoactive sexual desire disorder. *Behavior Modification, 24*(3), 325-347.
- Kaya, B., Unal, S., Ozenli, Y., Gursoy, N., Tekiner, S., & Kafkasli, A. (2006). Anxiety, depression and sexual dysfunction in women with chronic pelvic pain. *Sexual & Relationship Therapy, 21*(2), 187-196. doi: 10.1080/14681990500359897
- Kaplan, H. S. (1974). *The New Sex Therapy*. New York, Brunner/Mazel.
- Kleinplatz, P. J. (1992). The erotic experience and the intent to arouse. *Canadian Journal of Human Sexuality, 1*(3), 133-139.
- Knoth, R., Boyd, K., & Singer, B. (1988). Empirical tests of sexual selection theory: predictions of sex differences in onset, intensity, and time course of sexual arousal. *Journal of Sex Research, 24*(1-4), 73.
- Kuile, M. M. t., Weijenborg, P. T. M., & Spinhoven, P. (2010). Sexual functioning in women with chronic pelvic pain: the role of anxiety and depression. *Journal of Sexual Medicine, 7*(5), 1901-1910. doi: 10.1111/j.1743-6109.2009.01414.x
- Lawrance, K., & Byers, E. (1998). Interpersonal exchange model of sexual satisfaction questionnaire. In C. M. Davis, W. L. Yarber, R. Baureman, G. Schreer, & S. L. Davis (Eds.), *Sexuality related measures: A compendium* (2nd ed., pp. 514–519). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Leitenberg, H., & Henning, K. (1995). Sexual fantasy. *Psychological Bulletin, 117*(3), 469-496. doi: 10.1037/0033-2909.117.3.469

- Levine, S. B. (2002). Reexploring the concept of sexual desire. *Journal of Sex & Marital Therapy, 28*(1), 39-51.
- Little, C. A., & Byers, E. S. (2000). Differences between positive and negative sexual cognitions. *Canadian Journal of Human Sexuality, 9*(3), 167.
- Lutfey, K. E., Link, C. L., Rosen, R. C., Wiegel, M., & McKinlay, J. B. (2009). Prevalence and correlates of sexual activity and function in women: results from the boston area community health (BACH) survey. *Archives of Sexual Behavior, 38*(4), 514-527. doi: 10.1007/s10508-007-9290-0
- Masters, W. H., Johnson, V. E. (1970). *Human Sexual Inadequacy*. Boston, Little, Brown.
- Meana, M., & Lykins, A. (2009). Negative affect and somatically focused anxiety in young women reporting pain with intercourse. *Journal of Sex Research, 46*(1), 80-88. doi: 10.1080/00224490802624422
- Meston, C. M., Trapnell, P. D., & Gorzalka, B. B. (1996). Ethnic and gender differences in sexuality: Variations in sexual behavior between Asian and non-Asian University students. *Archives of Sexual Behavior, 25*(1), 33-72. doi: 10.1007/bf02437906
- Nicholas, L. J. (2004). The association between religiosity, sexual fantasy, participation in sexual acts, sexual enjoyment, exposure, and reaction to sexual materials among black south africans. *Journal of Sex & Marital Therapy, 30*(1), 37-42. doi: 10.1080/00926230490247264
- Nobre, P. (2006). *Disfunções Sexuais. Teoria, Investigação e Tratamento*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Nobre, P., Pinto Gouveia, J., & Allen Gomes, F. (2003). Sexual Dysfunctional Beliefs Questionnaire: an instrument to assess sexual dysfunctional beliefs as vulnerability factors to sexual problems. *Sexual & Relationship Therapy, 18*(2), 171.
- Nobre, P., & Pinto-Gouveia, J. (2006). Emotions during sexual activity: differences between sexually functional and dysfunctional men and women. *Archives of Sexual Behavior, 35*(4), 491-499.
- Nobre, P., & Pinto-Gouveia, J. (2008). Cognitive and emotional predictors of female sexual dysfunctions: preliminary findings. *Journal of Sex & Marital Therapy, 34*(4), 325-342. doi: 10.1080/00926230802096358
- Nobre, P. J., & Pinto-Gouveia, J. (2006). Dysfunctional sexual beliefs as vulnerability factors for sexual dysfunction. *Journal of Sex Research, 43*(1), 68-75.
- Nobre, P. J., & Pinto-Gouveia, J. (2009). Cognitive schemas associated with negative sexual events: a comparison of men and women with and without sexual

- dysfunction. *Archives of Sexual Behavior*, 38(5), 842-851. doi: 10.1007/s10508-008-9450-x
- Oliveira, C. (2013). *Determinantes Psicossociais da Dor Sexual na Mulher Portuguesa*. (Doutoramento), Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Parish, W. L., Ye, L., Stolzenberg, R., Laumann, E., Farrer, G., & Suiming, P. (2007). Sexual practices and sexual satisfaction: a population based study of chinese urban adults. *Archives of Sexual Behavior*, 36(1), 5-20. doi: 10.1007/s10508-006-9082-y
- Pascoal, P. (2012). *Contributo de Variáveis Individuais e Relacionais para a Satisfação Sexual de Pessoas em Relação de Conjugalidade com e sem Problemas Sexuais*. (Doutoramento), Universidade de Lisboa.
- Pascoal, P., Narciso, I., Pereira, N., & Ferreira, A. (2013). Processo de Validação da Global Measure of Sexual Satisfaction em Três Amostras da População Portuguesa. (Portuguese). *Validation Process of the Global Measure of Sexual Satisfaction in Three Samples of the Portuguese Population. (English)*, 26(4), 691-700.
- Pechorro, P., Diniz, A., Almeida, S., & Vieira, R. (2009). Validação portuguesa do índice de Funcionamento Sexual Feminino (FSFI). (Italian). *Laboratório de Psicologia*, 7(1), 33-44.
- Pelletier, L. A., & Herold, E. S. (1988). The relationship of age, sex guilt, and sexual experience with female sexual fantasies. *Journal of Sex Research*, 24, 250-256. doi: 10.1080/00224498809551420
- Plaud, J. J., & Bigwood, S. J. (1997). A multivariate analysis of the sexual fantasy themes of college men. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 23(3), 221-230. doi: 10.1080/00926239708403927
- Purifoy, F. E., Grodsky, A., & Giambra, L. M. (1992). The relationship of sexual daydreaming to sexual activity, sexual drive, and sexual attitudes for women across the life-span. *Archives of Sexual Behavior*, 21(4), 369-385. doi: 10.1007/BF01542026
- Quinta Gomes, A. L., Carvalho, J., Santos, M., & Nobre, P. J. (em preparação). Validação da versão Portuguesa do Inventário de Cognições Sexuais (Sexual Cognitions Checklist - SCC).
- Renaud, C. A., & Byers, E. S. (1999). Exploring the frequency, diversity and content of university students' positive and negative sexual cognitions. *Canadian Journal of Human Sexuality*, 8(1), 17-30.

- Renaud, C. A., & Byers, E. S. (2001). Positive and negative sexual cognitions: subjective experience and relationships to sexual adjustment. *Journal of Sex Research, 38*(3), 252-262.
- Renaud, C. A., & Byers, E. S. (2006). Positive and negative cognitions of sexual submission: relationship to sexual violence. *Archives of Sexual Behavior, 35*(4), 483-490. doi: 10.1007/s10508-006-9046-2
- Renaud, C. A., & Byers, E. S. (2011). Sexual Cognitions Checklist. In T. D. Fisher, C. M. Davis, W. L. Yarber, & S. L. Davis (Eds.), *Handbook os sexuality-related measures* (3rd ed, pp. 110-114) New York: Routledge.
- Rosen, R., Brown, C., Heiman, J., Leiblum, S., Meston, C., Shabsigh, R., . . . D'Agostino, R. (2000). The Female Sexual Function Index (FSFI): A Multidimensional Self-Report Instrument for the Assessment of Female Sexual Function. *Journal of Sex & Marital Therapy, 26*(2), 191-208. doi: 10.1080/009262300278597
- Sierra, J. C., Zubeidat, I., Carretero-Dios, H., & Reina, S. (2003). Estudio psicométrico preliminar del Test del Deseo Sexual Inhibido en una muestra española no clínica. *International Journal of Clinical and Health Psychology, 3*(3), 489-504.
- Vilarinho, S. (2010). *Funcionamento e Satisfação Sexual Feminina Integração do afecto, variáveis cognitivas e relacionais, aspectos biológicos e contextuais*. (Doutoramento), Universidade de Coimbra, Coimbra.

ANEXOS

Tabela 1

Caracterização demográfica e de variáveis sexuais e relacionais das participantes ($N = 505$).

Característica	n	%
Idade		
18 - 25	317	63
26 - 35	110	22
36 - 45	43	9
46 - 55	22	4
56 - 65	11	2
Estado Civil		
Solteira	383	75.8
Casada	60	11.9
União de Facto	39	7.7
Divorciada/Separada	22	4.4
Viúva	1	.2
Habilitações Literárias		
7º ao 9º ano	3	.6
10º ao 12º ano	132	26.1
Bacharelato	2	.4
Licenciatura/Mestrado	339	67.1
Doutoramento	29	5.7
Orientação Sexual		
1 (Exclusivamente Homossexual)	6	1.2
2	1	.2
3	7	1.4
4	20	4
5	51	10.1
6	104	20.6
7 (Exclusivamente Heterossexual)	316	62.6
Parceiro Sexual Atual		
Nenhum	122	24.2
Namorada	10	2
Namorado	288	57
Marido	69	13.7
Múltiplos parceiros masculinos	16	3.2

Tabela 1 (Continuação)

Caracterização demográfica e de variáveis sexuais e relacionais das participantes ($N = 505$).

Característica	n	%
Frequência de Atividade Sexual		
Nunca me envolvi em atividade sexual	51	10.1
Menos de 1 vez por ano	27	5.3
Menos de 1 vez por mês	44	8.7
Entre 1 a 3 vezes por mês	78	15.4
Entre 1 a 2 vezes por semana	180	35.6
Entre 3 a 5 vezes por semana	93	18.4
Todos ou quase todos os dias	30	5.9
Mais do que 1 vez por dia	2	.4
Número de Parceiros Sexuais ao Longo da Vida		
0	45	8.9
1 a 5	372	74
6 a 10	53	10
11 a 20	27	5
mais de 20	8	2
Experiência Sexual Não Desejada		
Sim	53	10.5
Não	452	89.5

Tabela 2

Caracterização das participantes ($N = 505$) quanto à religião.

Característica Religião	n	%
Professa alguma religião?		
Sim	235	46.5
Não	270	53.5
Religião		
Igreja Adventista do Sétimo Dia	1	.2
Budismo	3	1
Catolicismo	180	36
Cristianismo	43	9
Espiritismo	1	.2
Evangelismo	1	.2

Tabela 3
 Preditores do Funcionamento Sexual Feminino ($N = 505$).

Step e Variáveis Predictoras	<i>B</i>	<i>SE B</i>	β	<i>t</i>	R^2	ΔR^2
Step 1					.34***	
Desejabilidade Social	.16	.30	.02	.45		
Idade (anos)	-.02	.05	-.02	-.31		
Habilidades Literárias	.96	.35	.11**	2.76		
Solteiro vs. Casado	-.23	.98	-.01	-.23		
Estar numa relação	10.11	.75	.53***	13.52		
Ansiedade	-1.41	.74	-.08	-1.92		
Depressão	-1.45	.92	-.06	-1.57		
Step 2					.38***	.03***
Frequência Cognições Sexuais	-.01	.02	-.07	-.82		
Cognições Sexuais Positivas	.05	.02	.25**	3.13		
Cognições Sexuais Negativas	.00	.01	-.02	-.50		

Nota: Step 1 $R^2_{Aj} = .34$; Step 2 $R^2_{Aj} = .38$.

* $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$.

Tabela 4
 Preditores do Desejo Sexual Feminino ($N = 505$).

Step e Variáveis Predictoras	<i>B</i>	<i>SE B</i>	β	<i>t</i>	R^2	ΔR^2
Step 1					.16***	
Desejabilidade Social	.02	.04	.02	.36		
Idade (anos)	-.03	.01	-.23***	-3.87		
Habilitações Literárias	.09	.05	.08	1.75		
Solteiro vs. Casado	-.18	.14	-.07	-1.28		
Estar numa relação	.75	.11	.31***	6.88		
Ansiedade	-.14	.11	-.06	-1.27		
Depressão	-.05	.13	-.02	-.37		
Step 2					.30***	.15***
Frequência Cognições Sexuais	.01	.00	.23**	2.68		
Cognições Sexuais Positivas	.01	.00	.20*	2.34		
Cognições Sexuais Negativas	.00	.00	-.05	-1.28		

Nota: Step 1 $R^2_{Aj} = .14$; Step 2 $R^2_{Aj} = .29$.

* $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$.

Tabela 5
 Preditores da Excitação Sexual Feminina ($N = 505$).

Step e Variáveis Predictoras	<i>B</i>	<i>SE B</i>	β	<i>t</i>	R^2	ΔR^2
Step 1					.30***	
Desejabilidade Social	.03	.06	.02	.41		
Idade (anos)	-.01	.01	-.06	-1.07		
Habilitações Literárias	.15	.07	.09*	2.03		
Solteiro vs. Casado	.00	.20	.00	.00		
Estar numa relação	1.92	.16	.50***	12.37		
Ansiedade	-.25	.15	-.07	-1.64		
Depressão	-.33	.19	-.07	-1.72		
Step 2					.34***	.04***
Frequência Cognições Sexuais	-.00	.00	-.03	-.31		
Cognições Sexuais Positivas	.01	.00	.24**	2.93		
Cognições Sexuais Negativas	-.00	.00	-.04	-.89		

Nota: Step 1 $R^2_{Aj} = .29$; Step 2 $R^2_{Aj} = .33$.

* $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$.

Tabela 6
 Preditores da Lubrificação Sexual Feminina ($N = 505$).

Step e Variáveis Predictoras	<i>B</i>	<i>SE B</i>	β	<i>t</i>	R^2	ΔR^2
Step 1					.26***	
Desejabilidade Social	-.01	.07	-.01	-.18		
Idade (anos)	-.01	.01	-.05	-.92		
Habilitações Literárias	.11	.08	.06	1.35		
Solteiro vs. Casado	.08	.23	.02	.36		
Estar numa relação	1.91	.17	.47***	11.11		
Ansiedade	-.41	.17	-.11*	-2.44		
Depressão	-.09	.21	-.02	-.40		
Step 2					.28***	.02**
Frequência Cognições Sexuais	-.00	.00	-.06	-.72		
Cognições Sexuais Positivas	.01	.00	.21*	2.42		
Cognições Sexuais Negativas	.00	.00	.01	.29		

Nota: Step 1 $R^2_{Aj} = .25$; Step 2 $R^2_{Aj} = .27$.

* $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$.

Tabela 7
 Preditores do Orgasmo Sexual Feminino ($N = 505$).

Step e Variáveis Predictoras	<i>B</i>	<i>SE B</i>	β	<i>t</i>	R^2	ΔR^2
Step 1					.25***	
Desejabilidade Social	.11	.07	.06	1.52		
Idade (anos)	.01	.01	.03	.51		
Habilitações Literárias	.24	.08	.13**	2.84		
Solteiro vs. Casado	.17	.24	.04	.72		
Estar numa relação	1.74	.18	.41***	9.56		
Ansiedade	-.07	.18	-.02	-.39		
Depressão	-.62	.22	-.12**	-2.75		
Step 2					.26***	.01*
Frequência Cognições Sexuais	-.00	.00	-.07	-.85		
Cognições Sexuais Positivas	.01	.00	.18*	2.13		
Cognições Sexuais Negativas	.00	.00	.00	-.04		

Nota: Step 1 $R^2_{Aj} = .23$; Step 2 $R^2_{Aj} = .24$.

* $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$.

Tabela 8
 Preditores da Dor Sexual Feminino ($N = 505$).

Step e Variáveis Predictoras	<i>B</i>	<i>SE B</i>	β	<i>t</i>	R^2	ΔR^2
Step 1					.24***	
Desejabilidade Social	-.01	.08	-.00	-.11		
Idade (anos)	-.03	.01	-.14*	-2.49		
Habilitações Literárias	-.23	.09	-.11*	-2.51		
Solteiro vs. Casado	.24	.25	.05	.94		
Estar numa relação	-1.89	.19	-.42***	-9.78		
Ansiedade	.40	.19	.09*	2.10		
Depressão	.03	.24	.01	.13		
Step 2					.27***	.03**
Frequência Cognições Sexuais	.01	.00	.13	1.53		
Cognições Sexuais Positivas	-.01	.00	-.27**	-3.16		
Cognições Sexuais Negativas	.00	.00	.04	.96		

Nota: Step 1 $R^2_{Aj} = -.23$; Step 2 $R^2_{Aj} = -.25$.

* $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$.

Tabela 9
 Preditores do Vaginismo Feminino ($N = 505$).

Step e Variáveis Predictoras	<i>B</i>	<i>SE B</i>	β	<i>t</i>	R^2	ΔR^2
Step 1					.27***	
Desejabilidade Social	.09	.08	.04	1.12		
Idade (anos)	-.03	.01	-.11	-1.93		
Habilitações Literárias	-.24	.09	-.11**	-2.62		
Solteiro vs. Casado	.07	.26	.01	.28		
Estar numa relação	-2.16	.20	-.45***	-10.76		
Ansiedade	.41	.20	.09*	2.08		
Depressão	-.02	.25	-.00	-.07		
Step 2					.30***	.03**
Frequência Cognições Sexuais	.00	.00	.08	.96		
Cognições Sexuais Positivas	-.01	.00	-.24**	-2.81		
Cognições Sexuais Negativas	.00	.00	.06	.34		

Nota: Step 1 $R^2_{Aj} = -.26$; Step 2 $R^2_{Aj} = -.28$.

* $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$.

Tabela 10
 Preditores da Satisfação Sexual ($N = 505$).

Step e Variáveis Predictoras	<i>B</i>	<i>SE B</i>	β	<i>t</i>	R^2	ΔR^2
Step 1					.36***	
Desejabilidade Social	.07	.26	.01	.25		
Idade (anos)	-.17	.05	-.19***	-3.74		
Habilitações Literárias	.78	.31	.10*	2.51		
Solteiro vs. Casado	1.25	.88	.07	1.42		
Estar numa relação	9.51	.67	.56***	14.30		
Ansiedade	-.37	.66	-.02	-.56		
Depressão	-1.35	.82	-.07	-1.65		
Step 2					.36***	.008
Frequência Cognições Sexuais	-.02	.02	-.12	-1.43		
Cognições Sexuais Positivas	.03	.01	.18*	2.26		
Cognições Sexuais Negativas	.00	.01	.00	-.11		

Nota: Step 1 $R^2_{Aj} = .36$; Step 2 $R^2_{Aj} = .36$.

* $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$.

Tabela 11

Preditores da Frequência geral de Cognições Sexuais ($N = 505$).

Step e Variáveis Predictoras	<i>B</i>	<i>SE B</i>	β	<i>t</i>	R^2	ΔR^2
Step 1					.10***	
Desejabilidade Social	-4.75	1.62	-.13**	-2.94		
Idade (anos)	-.67	.28	-.14*	-2.37		
Habilitações Literárias	-3.08	1.89	-.08	-1.63		
Solteiro vs. Casado	-6.66	5.36	-.07	-1.24		
Estar numa relação	7.61	4.07	.09	1.87		
Ansiedade	-3.38	4.01	-.04	-.84		
Depressão	14.63	5.02	.14**	2.91		
Step 2					.21***	.11***
Religião	-10.24	3.13	-.14**	-3.27		
Conservadorismo Sexual	-2.99	.44	-.30***	-6.86		

Nota: Step 1 $R^2_{Aj} = .08$; Step 2 $R^2_{Aj} = .20$.* $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$.

Tabela 12

Preditores da Frequência de Cognições Sexuais de valência Positiva ($N = 505$).

Step e Variáveis Predictoras	<i>B</i>	<i>SE B</i>	β	<i>t</i>	R^2	ΔR^2
Step 1					.07***	
Desejabilidade Social	-4.66	1.78	-.12**	-2.62		
Idade (anos)	-.72	.31	-.14*	-2.29		
Habilitações Literárias	-2.35	2.08	-.06	-1.13		
Solteiro vs. Casado	-4.15	5.89	-.04	-.71		
Estar numa relação	8.61	4.48	.09	1.92		
Ansiedade	-4.43	4.41	-.05	-1.01		
Depressão	11.23	5.52	.10*	2.04		
Step 2					.18***	.11***
Religião	-11.13	3.45	-.14**	-3.23		
Conservadorismo Sexual	-3.26	.48	-.30***	-6.81		

Nota: Step 1 $R^2_{Aj} = .06$; Step 2 $R^2_{Aj} = .17$.* $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$.

Tabela 13

Preditores da Frequência de Cognições Sexuais de valência Negativa ($N = 505$).

Step e Variáveis Predictoras	<i>B</i>	<i>SE B</i>	β	<i>t</i>	R^2	ΔR^2
Step 1					.04**	
Desejabilidade Social	-2.24	1.82	-.06	-1.23		
Idade (anos)	-.10	.32	-.02	-0.31		
Habilitações Literárias	-4.51	2.13	-.11*	-2.11		
Solteiro vs. Casado	-6.76	6.04	-.07	-1.12		
Estar numa relação	-1.49	4.59	-.02	-0.33		
Ansiedade	-1.34	4.52	-.01	-0.30		
Depressão	13.56	5.66	.12*	2.40		
Step 2					.04*	.002
Religião	3.15	3.77	.04	0.84		
Conservadorismo Sexual	-.24	.52	-.02	-0.46		